

Sobre o tempo na arte e na filosofia

Entrevista com o Professor Doutor Martin Ross

Bruna Penna Mibielli

buarte@gmail.com

Universidade Federal de
Minas Gerais UFMG
Brasil

A seguinte entrevista foi realizada com o Professor Doutor Martin Ross, filósofo, ensaísta, revisor e professor de filosofia e estética na Universidade de Artes de Linz, Áustria (Kunstuniversität Linz). O fenômeno do tempo e sua relação com as imagens e a arte são temas de enfoque das pesquisas do entrevistado desde o seu ingresso na carreira acadêmica.

A entrevista aborda a importância de se discutir o tema do tempo e de analisar as relações entre as imagens no mundo contemporâneo ocidental. Ocorreu no dia 27 de Outubro de 2016, no Atelier Coletivo do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, Portugal, quando o Professor visitou esta unidade orgânica para a sua participação como palestrante em uma conferência.

B) Vamos começar, Martin. É um grande prazer tê-lo aqui no Atelier Coletivo do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

M) É um prazer também. Obrigado pelo convite.

B) Como começamos?

M) Eu acho que você me faz suas perguntas...

B) Eu nunca fiz uma entrevista antes.

M) Você nunca fez. Bem, então, uma vez eu tive uma entrevista em uma rádio. Começamos exatamente à meia-noite, e o entrevistador simplesmente começou a perguntar. Daí, eles tocaram umas músicas e tal, e eu fui obrigado a tocar algumas músicas.

B) Vamos começar então. Fiquei muito interessada em te perguntar algumas coisas sobre o tema Tempo, porque comecei meus estudos tendo como ponto de partida a Memória. Mas, por algum motivo, agora, eu prefiro – ou meus estudos me levaram a – estudar o Tempo; e isso tem tudo a ver com você. Você me levou por esse caminho. Essa é a razão pela qual decidi convidar você para esta conversa. É porque eu realmente acredito que você tem as respostas certas para as minhas perguntas.

M) Tomara.

B) A primeira é: por que você acha que abordou o fenômeno do Tempo como tópico de pesquisa? Quando você começou a investigar o assunto, e qual era o seu histórico naquele momento?

M) Como tópico de pesquisa, acho que comecei a lidar com o Tempo quando estava estudando filosofia. Mas, se há algum motivo para esse interesse, ele vem da minha infância, e acredito que há duas ocasiões que me levaram a pensar no Tempo. A primeira é muito pessoal. Por alguma razão que eu desconheço, não consigo me lembrar dos primeiros 12 anos da minha vida. É um buraco. Eu não sei de nada... mesmo! Eu tive algo no cérebro; não um dano cerebral, mas eu tive um resfriado grave com 12 anos e tive uma infecção no cérebro que durou muito tempo e doeu muito mesmo e, quando acabou... depois disso, eu me lembro do que eu vivi, mas, dos primeiros 12 anos, não consigo me lembrar. Perderam-se. Eu não sei porque. Talvez essa infecção cerebral seja a razão pela qual isso ocorreu. Eu conversei com os médicos sobre isso, mas eles disseram: “Não, não é muito provável que esse seja o motivo”.

Bem, não sei, não me lembro. Eu nasci em 1962, então, tenho 54 anos, e minha cabeça me diz que eu sou 12 anos mais jovem. Então, tenho 42 anos. O que não é verdade, claro. Mas, em relação aos meus sentimentos, é assim. Há uma coisa engraçada: a chegada à lua foi em 1969. Minha irmã mais nova é 4 anos mais nova que eu. Então, em 1969, ela tinha 3 anos, e eu tinha 7 anos. Ela sabe tudo sobre a transmissão televisiva do pouso na

Lua, e eu não sei de nada. Então, mais velha, ela me contou tudo sobre isso, porque ela lembrava e eu não consigo lembrar.

Essa é a primeira ocasião, é uma coisa muito pessoal, e eu não sei se isso é de alguma importância. A segunda talvez esteja ligada a essa ocasião pessoal. Na Áustria, temos o “Gymnasium”, que é o Ensino Médio, e, quando temos a última aula, 8ª série, temos o “Matura”, que nos permite matricular-nos na universidade. Na 8ª série, aprendemos filosofia. É a primeira vez que entramos em contato com a filosofia como alunos.

B) E quantos anos têm as pessoas?

M) 18, eu tinha 18 anos e meio naquela época e eu tinha a cabeça cheia de ideias e perguntas e tal. E infelizmente tivemos uma professora fraca. Era de partir o coração, mas ela era tão fraca. Foi uma catástrofe. Não era só eu, também eram meus amigos na aula. Nós tínhamos muitas perguntas. Por exemplo: “O que é justiça?”, o que era realmente interessante para pessoas pós-púberes naquela época. “O que é justiça?”... Porque nos sentíamos tratados injustamente, então queríamos saber o que era justiça, ou “o que é um ideal?”. Então, nós só queríamos... Eu disse ideal – nós não queríamos saber qual é o ideal platônico, ou algo assim. Ou “qual é a diferença entre física e metafísica?”, ou “há uma razão pela qual a escravidão durou tanto tempo?” Para mim, especialmente, era uma questão realmente importante... “O que é responsabilidade?” e todas as perguntas desse tipo. E o que ela fez? Ela não conseguiu responder. Claro que ela respondeu algo, mas foi uma resposta inesperada. Ela respondeu: “sim, você deve pesquisar o idealismo, o que o idealismo diz?”. Ou ela disse: “sim, vamos dar uma olhada no realismo, o que o realismo diz sobre justiça?”, por exemplo. Ou materialismo, todos esses “ismos”... Isso é chato, e, em minha opinião, eu não tinha um pensamento formado naquela época, mas eu tinha a sensação de que isso não era filosofia, o que ela estava nos dizendo. A única coisa que ela nos ensinou, intensamente, foram os procedimentos lógicos e logísticos da filosofia da Idade Média, Thomas De Quincey e algo do tipo. Ninguém na aula se interessou por isso. Eu também não. Mas sentia que podia ser interessante se você fizesse isso de forma correta. Então, naquela época, eu decidi estudar filosofia.

Ao mesmo tempo, li muitos livros sobre a descoberta do mundo. Não livros filosóficos, diários de bordo e tal. Eu li livros sobre as descobertas de Colombo, Magalhães, Marco Polo, Ibn Battuta, o africano, especialmente James Cook, e assim por diante. E gostei muito porque aprendi algo sobre contato intercultural, colonialismo, sobre como o mundo

se tornou tão pequeno, porque antigamente era tão grande e agora é tão pequeno assim. E o mais fascinante para mim é que eles estavam viajando com navios; e, especialmente as viagens de James Cook, duraram cerca de 2 ou 3 anos. E eu estava pensando: “O que eles estão fazendo o tempo todo, o que eles estão fazendo?”. Você não pode trabalhar o tempo todo em um navio, a bordo de um navio. Claro, é trabalho, mas deve ter havido muito tempo de sobra. O que eles faziam com esse tempo? E eu nunca li nesses livros de registro que eles liam livros, por exemplo, naquela época; o que eu fiz, é claro, li muitos, muitos livros, e esse foi um primeiro sentimento de que este podia ser um tópico interessante para se pensar: o que é o tempo quando você tem tanto tempo? E eu acho que esse interesse veio devido ao fato de eu não conseguir me lembrar dos meus primeiros 12 anos. Eu sei que é um tempo que eu vivi, não sei o que fiz com esse tempo, e o paralelo é que não sei o que os barqueiros dos navios fizeram com tanto tempo, para mim, isso foi paralelo e daí surgiu o interesse.

B) E, da infância, você não se lembra das experiências, mas se lembra das pessoas, das pessoas ou dos rostos?

M) Não.

B) Tudo se perdeu...

M) Eu sei que quando eu estava na escola primária, 6 ou 7 anos, eu tive minha primeira namorada, Julia. E eu tenho, às vezes, uma breve experiência de seu rosto – é uma espécie de visão de que ela deve se parecer com isso ou aquilo, mas apenas às vezes, é como um flash, mas eu não consigo lembrar de nada.

B) E por que você acha que isso é diferente para as outras pessoas ou como você sabe que eu me lembro de tudo dos meus primeiros anos ou dos meus primeiros dez anos de vida?

M) O que você quer dizer com diferente?

B) Como você sabe que outras pessoas se lembram com mais detalhes?

M) Porque elas me dizem.

B) Elas te contam...

M) Sim.

B) E, à medida que contam, você tem essa sensação...

M) Ah, sim, elas me dizem, e às vezes eu tenho esse sentimento, mas não é a memória – esta se foi realmente, não está presente. Esse é o tempo, parte do meu passado, que não está presente, mas, geralmente, essa parte do passado está sempre presente. Então, quanto a mim, começa quando eu não tinha mais nenhuma... minha cabeça não doía mais e eu podia ir para a escola. Era o começo da terceira série, quando tive essa infecção cerebral, e fiquei doente por 3 meses e depois voltei para a escola e recebi notas ruins, algo assim, e foi horrível. Daí pra frente, na 3ª série, você pode me perguntar, eu me lembro muito, muito bem, porque foi uma batalha pela vida, porque eu não queria ser expulso da escola, devido às minhas notas ruins, e eu consegui. Mas, depois disso, eu nunca fui um bom aluno, porque acho que o passado está faltando, talvez.

B) Há uma coisa interessante que me lembro agora: quando cheguei a Portugal, estava à procura de alguns livros e de alguma literatura para ler..., e você estava me falando agora de Marco Polo e assim por diante..., e fiquei sabendo que Colombo estava com a edição do Marco Polo em suas mãos, quando ele estava viajando, tentando chegar à Índia, quando ele chegou à América..., e ele estava realmente lendo esse livro e fazendo algumas anotações no livro e ele anotou todo o livro com seus pensamentos, e é interessante porque ele estava tentando completar as descrições da viagem de Marco Polo... da viagem errada!

[ambos riem]

M) Isso é interessante.

B) E esse livro está na Espanha agora, e podemos acessar as páginas, se você pedir à biblioteca... é a Biblioteca Colombina (Institución Colombina), que é dedicada a seus livros e seus escritos. E é uma coisa interessante, um livro para se conhecer, porque é a

falta de tempo, e ele estava lá trabalhando em sua falta de tempo e, ao mesmo tempo, é perda de tempo porque é um grande erro.

[ambos riem]

M) Um grande erro, mesmo! E ele tentou completá-lo. E este é o principal problema, penso eu, com o tempo também. Não é nada que você possa completar, porque o Tempo não é nada que você possa pegar ou apanhar. Você pode pegar ou agarrar algo como este copo, ou algo parecido. E foi muito interessante para mim, quando comecei a estudar filosofia... na época, para mim, o fenômeno tempo era algo que você só pode sentir, mas não ver ou ouvir ou algo assim, então, há apenas um de todos os sentidos, esses cinco sentidos que temos, que está envolvido com a percepção do tempo, e, normalmente, quando experimentamos o mundo, são pelo menos dois sentidos que usamos para experimentar. Isso foi muito interessante e eu participei de algumas palestras, duas eu acho – um seminário e uma palestra – sobre o fenômeno do tempo e lá lemos Bergson, Santo Agostinho, é claro, e Aristóteles, e isso foi muito interessante, mas isso não deu respostas, talvez as respostas tenham chegado mais tarde, quando eu era estudante.

B) Por que você acha que é importante estudar o Tempo na contemporaneidade e quais são as implicações de se fazer isso considerando aspectos sociais e culturais?

M) O tempo, como eu disse antes, falando dos meus 12 anos que desapareceram, é um fenômeno intimamente ligado à vida humana. E essa é a razão pela qual é tão importante estudá-lo. O tempo é realmente humano, é a própria natureza. As plantas lidam com o tempo, os animais, os quatro elementos, interagindo, e assim toda a Terra e todos esses fenômenos são tópicos das ciências: Zoologia para os animais, Biologia para as plantas, talvez também para a Terra, geografia, e assim por diante. E essa é a razão pela qual eu acho que está em todos os tópicos que são ensinados na universidade, mas, em geral, meus colegas não estão cientes disso. Um ponto interessante é que os filósofos, nas universidades, estão cientes do fenômeno do Tempo quando o ensinam, os sociólogos também, e, nas ciências políticas, também ensinam aspectos do tempo. Mas também estudei história das artes, e isso nunca foi um assunto. Eu me lembro de uma vez que tentei. Houve uma conferência estudantil, um congresso feito para estudantes e cada aluno podia apresentar suas próprias ideias. A conferência foi muito curta, um quarto de hora,

e eu apresentei minhas ideias sobre uma sepultura etrusca, pintada na Itália, conhecida como *Tomba François*, que é o nome dessa sepultura. De um lado dessa tumba, existe Kairós, esse aspecto momentâneo do tempo, e, do outro lado, é o tempo linear. Eu comparei os dois e disse: “É interessante que o estilo difere não porque é feito por dois pintores diferentes e tal, mas a razão é: esses são aspectos diferentes do tempo”, e eles não entenderam isso. E eles não entenderam porque eu não consegui apontar corretamente. “Bem, foi publicado”, então, claro, eu podia explicar isso corretamente, mas esse não era o tópico para eles, eles não tinham nenhum interesse nisso. Então isso foi, por um lado, bastante surpreendente, porque outras pessoas me disseram que estava muito claro o que eu apresentei, mas, por outro lado, não foi realmente surpreendente, porque fizeram observações sobre cores, sobre desenvolvimentos históricos, sobre história da escavação, ou algo parecido, e isso é chato. Eles esperavam que eu dissesse coisas assim, mas eu tinha visto: isso lida com o tempo, o ponto e a linha, então, é óbvio que se note. E eu disse: “Ok, agora vou apresentar isso”. Mas, depois disso, surgiram mais e mais publicações lidando com o tempo nas artes visuais. Eu não fiquei triste, porque acho que não me enganei com esse interesse.

B) E você acha que esse é o novo caminho para estudar o tempo agora?

M) Em filosofia, sim, ou em ciências especiais.

B) Quero dizer uma mistura de ciências e arte.

M) Sim, interdisciplinaridade. Se você for tratar todos esses tópicos científicos que são incluídos no currículo da Universidade, acho que a única maneira de tornar tudo isso razoável é trabalhar interdisciplinarmente. E, quando você faz isso, automaticamente, algum dia, os fenômenos do tempo ocorrerão e você diz ao aluno: “Agora pense no que é o tempo”, “O que sou eu?”.

B) E eu sei que você é um filósofo trabalhando em departamentos visuais e universidades de arte e lidando com artistas, mas você acha que o interesse em estudar filosofia e estudar o tempo e todos esses tópicos mais relacionados à filosofia vem mais do lado do artista ou mais dos filósofos que estão mais interessados em uma abordagem interdisciplinar?

M) Ih!... Essa é uma pergunta difícil. Eu acho que... eu não quero evitar uma resposta agora, mas acho que isso depende fortemente da personalidade do filósofo ou do artista. Conheço filósofos que não estão interessados em trabalho interdisciplinar; conheço filósofos que se interessam, por um lado, pela arte e, por outro lado, fazem suas próprias coisas e, quando publicam seus trabalhos, o interesse pela arte não está muito relevante. E os artistas, especialmente os fotógrafos... a fotografia, essa é uma mídia que lida com o tempo. Eu acho que não tenho que explicar isso para você.

B) Você deveria [ambos riem] porque é sua ideia, e eu não a conheço.

M) Eu tenho essa ideia, a impressão de que muitos dos fotógrafos não estão cientes disto: de que eles estão lidando com o tempo, quando tiram fotos. É uma falta de autorreflexão, em minha opinião. E acho que posso dizer isso sobre filósofos também, em geral. Claro, há exceções, eu acho. Na Alemanha, há um filósofo coreano, Byung-Chul Han, ele trabalha em Karlsruhe na ZKM (Zentrum für Kunst und Medientechnologie Karlsruhe). Ele lida com o tempo e ZKM é uma universidade de arte em Karlsruhe. É muito interessante, mas eu não sei e não me lembro se há algo muito novo nos últimos anos que lida com a abordagem interdisciplinar no tempo e nas artes, por exemplo. Se você pega artistas, aí o problema começa, porque você não pode se concentrar em artistas, em um artista específico, você tem de se concentrar nos trabalhos. São artistas; pintam, por exemplo, paisagens e tal, e, de repente, há uma pintura que lida com o tempo, num momento muito especial. E há artistas, por outro lado, que só lidam com o tempo... On Kawara, as pinturas de data de On Kawara. Eu acho que ele morreu. On Kawara, sabe?

B) Sim, conheço.

M) Suas pinturas azuis com a data impressa. Eu acho que ele morreu, eu não sei exatamente... no ano passado. Mas, no curso de artes, havia uma piada: toda vez que você fica sabendo que existe uma nova pintura de data de On Kawara, você sabe que ele está vivo. [risos] E acho que infelizmente ele morreu no ano passado. E ele só fez isso, ele não fez outras coisas, então ele se especializou em tempo e arte. Essa é uma posição extrema que eu conheço, mas é muito interessante porque ele ficou com isso. Eu não acho que esta seja a resposta correta... é muito difícil responder a essa pergunta porque a melhor coisa, a melhor maneira de encontrar uma resposta para essa pergunta é ir a um museu,

especialmente a um museu de arte moderna, e ver o que está lidando com o tempo e o que não está.

B) Pensando nos movimentos intrínsecos ao Tempo e à divisão tradicional ou a aspectos do Tempo, por exemplo, passado, presente e futuro... tempo linear, tempo circular ou cíclico, Kairós, o momento, aiōn, eternidade, etc... Como esses conceitos podem ser abordados na contemporaneidade? O Tempo ainda pode ser descrito dentro dessas ideias primeiramente propostas pela Grécia antiga (Platão, Aristóteles) e por Santo Agostinho, entre outros autores da fundação desse pensamento? Existe algum novo termo ou ideia, que você considera importante, que recentemente apareceu para ajudar na compreensão do tempo?

M) Eu não sei exatamente... teve um livro muito bom que eu li, e acho que foi publicado em 1989, por uma filósofa austríaca, e o nome dela é Helga Nowotny. Não... ela estudou filosofia, mas é socióloga. E ela é, agora, a presidente de alguma União Europeia, conselho científico, ou algo assim, eu não sei. Ela fez carreira e é uma mulher muito legal. E esse livro dela foi publicado primeiro em alemão; é chamado *Eigenzeit*, Meu Tempo, O Tempo de Mim Mesmo, *Eigenzeit*. E eu não acredito que já faz muito, muito tempo, mas eu ainda posso lembrar que ela tinha um conceito de *Eigenzeit* que ela chamou de *streckendegegenwart*, que significa, em inglês, extended present... *streckendegegenwart*, presente estendido. E, pelo que me lembro, ela afirmou que hoje em dia... e acho que ela está certa, porque ela escreveu nos anos 80, e acho que ainda é verdade 25 anos depois, ou 30 anos depois... hoje estamos extremamente focados em nosso presente, mas, olhando para frente e o que vemos ou pensamos ver no futuro, isso não está lá. Isso é o que Heidegger diz, é isso que Aristóteles diz e tal. Não está lá. Não está presente... isso não é uma espécie de repetição. Mas tentamos mentalmente moldar essa parte do futuro e trazê-la até nós... em nossa presença e presente, em nosso presente que é o tempo. Então, o presente não é esse momento tão curto que está longe, mas está estendido para o futuro e é um tipo de linha que lentamente vai para o passado. E acho que isso é verdade, porque, em minha opinião, é uma descrição muito exata do neoliberalismo... que não era um tópico nos anos oitenta; tem sido um tópico nos últimos 10/15 anos, e acho que Helga Nowotny viu isso corretamente, porque o neoliberalismo diz: sim, você tem de fazer qualquer coisa por sua própria sorte e você só pode fazer isso se tentar hoje moldar seu futuro, e essa é sua tarefa, isso não é uma tarefa para os outros. Então, eu sou o mestre do

meu tempo. Isso é besteira – desculpe dizer isso – isso é besteira, porque há tantas coisas com as quais eu lido... eu tenho de lidar com a definição dela, que não pode ser influenciada por mim. Então, não pode haver nenhum efeito dos meus atos nessas circunstâncias. Então, eles não veem a coisa toda, neoliberais, eles não veem o todo, a estrutura, e, em minha opinião, eles têm uma compreensão errada do tempo e esse tipo de presente estendido. Então, eu acho que isso não é muito novo, cerca de 30 anos atrás, mas eu acho que ainda está em nossas mentes. Acho que devemos deixar isso, devemos pensar sobre o tempo não na filosofia – mas na vida cotidiana. Devemos estar conscientes disso. Outro exemplo que eu gosto, você sabe que eu gosto de contar histórias: eu estava no Facebook; eu saí em agosto porque eu estava muito entediado e tal. Foi muito interessante que, uma vez, tivemos discussões com amigos lá, principalmente discussões políticas. Elas eram bem interessantes, elas eram boas, não eram polêmicas ou algo assim... elas estavam bem ok. Então, as pessoas se cansaram, porque era noite, tinham de ir para a cama ou algo assim. E, no dia seguinte, eles haviam esquecido. Eu nunca experimentei um tipo de discussão que durou mais do que algumas horas. E isso tem algo a ver com o lidar com o tempo de todas as pessoas usando essa mídia – essa é uma mídia do momento, é apenas esse momento de interesse. No dia seguinte, não há mais interesse. Mas, quando você tem uma discussão e essa discussão dura mais, duas horas ou três, esse é o presente estendido. Até que, em certo ponto, todos se cansam e perdem o interesse. E, no dia seguinte, eles esqueceram. Às vezes, quando eu lançava algum tipo de discussão, tentava trazê-la novamente à tona e discuti-la, e ninguém discutia, talvez um ou dois. E então eu fiz uma pausa por alguns dias e, logo, eu escrevi: “Você não está mais interessado nesse tópico? Porque surgiram algumas novas ideias e tal”, e as pessoas: “Sério? Eu estava interessado nisso?”, e eu disse: “Sim, há alguns dias. Você não se lembra de que dias atrás nós discutimos isso?”, “Oh! Eu esqueci!”. E isso é algo que durou algumas horas, mas não durou tempo suficiente para que pudesse ficar nas mentes das pessoas, talvez as fazendo pensar nesses tópicos.

B) E você acha que o presente é estendido ou pode ser que o passado também seja encurtado?

M) O passado é...? Perdão!

B) ...encurtado.

M) Encurtado, sim. Talvez, vamos pensar no outro lado da moeda. Sim, acho que concordaria com isso. Eu poderia concordar com isso.

B) Acho que você já respondeu isso, mas vamos tentar aproveitar mais essa percepção do tempo: quem ou o quê, em sua opinião, é capaz de perceber o tempo? Como você acha que funciona? A existência do tempo depende dessa percepção? O que você acha disto: essa possibilidade da percepção do tempo?

M) Eu acho que todo mundo.

B) Todo mundo. Pessoas?

M) Sim.

B) Só pessoas?

M) Não, acho que todo mundo está mais ou menos ciente disso. As pessoas, é claro, e eu também acho que os animais. Mas eu não sou especialista em animais; eu não sei como eles se sentem sobre isso. O problema é que há uma diferença entre homens e mulheres, há uma diferença entre pessoas e animais – os animais não se comunicam de uma maneira que possamos entender. Então, sobre o tempo, falar sobre o tempo, é muito abstrato. Por outro lado, o tempo é um fenômeno extremamente concreto. Você deve ser capaz de se adequar à abstração, e parece que os animais não estão aptos a isso. Então, acho que todo mundo é. Eu esqueci algo e acabei de me lembrar – sobre o que você estava dizendo, você me perguntou sobre pessoas relevantes em filosofia ou arte, e eu mencionei On Kawara. Quando mencionei On Kawara, concentrei-me em suas pinturas, e essa é uma visão muito antiquada da arte. Porque esta é a divisão clássica: pintura, escultura, arquitetura e tal. Começou nos últimos 50-60 anos ou cem anos – citando Duchamp –, e acho que hoje em dia temos os filmes. Pessoas que fazem filmes. Por exemplo, *Memento*. Você conhece *Memento*?

B) Sim.

M) Christopher Nolan.

B) Nolan.

M) Este é um filme que lida com o tempo.

B) Ele tem outro. Nolan tem outro também com memória e tempo.

M) É mesmo?

B) Sim.

M) Ah, ok!

B) Não me lembro do nome, mas sim, posso descobrir e te contar. (Referindo-se ao filme *Inception*)

M) Sim. Outro exemplo é o *Truman Show*, do Peter Weir. O interessante é – e eu tenho que evitar personalizar porque você deveria tirar isso das obras –, mas Peter Weir é especialista em tópicos filosóficos em todos os seus filmes, mesmo, tópicos filosóficos. É muito, muito interessante. Uma vez, talvez, eu gostaria de ter a oportunidade de conversar com ele sobre isso, porque isso não pode ser por acaso, esses filmes filosóficos. Então, *Truman Show* lida com o tempo, não é apenas a Caverna de Platão, ele também lida com o tempo. *Das Weisse Band*, *A Fita Branca*, do Michael Haneke, está extremamente ligado ao tempo porque esses incidentes negativos nesta comunidade no norte da Alemanha, todos esses incidentes negativos, constroem, ou criam uma atmosfera de um tipo de horror, e as pessoas não sabem o porquê – e eu não sei se você viu esse filme...?

B) Vi.

M) Eu já vi três vezes e analisei ele... uma vez eu tive uma palestra sobre o *Das Weisse Band*, e a maioria das pessoas diz que você não sabe quem é o responsável por todo esse horror. Eu sei. [pausa e suspense] São os filhos do sacerdote, os filhos do padre. E isso é

interessante porque as pessoas nessa aldeia passam, de fato, por maus bocados, e é tarefa do padre – é um padre protestante – acalmar, tentar melhorar as coisas, e são seus próprios filhos que causam todo caos. E são os detalhes únicos ali presentes que, quando colocados juntos, culminam no pássaro, o pássaro na gaiola [referindo-se à ilusão de ótica]. Quando você junta tudo, você vê a responsabilidade das crianças, e não das outras pessoas, que são suspeitas. E isso lida com o tempo, porque, quando você vê o filme, você se lembra “Ah! Agora isso aconteceu, talvez isso seja por causa dessa pessoa”, então, você tenta lembrar para criar um futuro e o faz como um espectador do filme, e as pessoas, as pessoas que atuam, elas fazem o mesmo. Então, o tempo que é usado neste filme é totalmente o mesmo que você experimentou quando o viu. Não me admira que ele tenha recebido o Oscar por este filme [na verdade, apenas indicado ao Oscar – ele ganhou o Globo de Ouro]. Porque, em minha opinião, ele trata do tempo. Pode haver muitos outros exemplos, então, em minha opinião, os artistas interessantes, especializados em pensar sobre tempo com sua arte, são as pessoas que fazem filmes. Diretores. Roteiristas. Haneke, que escreve seus próprios filmes e dirige também.

B) Você acha que a existência do Tempo depende de sua percepção?

M) [Affee...] A existência do tempo? [Longa pausa] Por um lado, tenho que responder sim; por outro lado, não. Quando você diz dependente, esse é um tipo de rua de mão única. Eu acho que é interdependente. E você não pode dizer qual dessas partes interdependentes é a primeira. Então, é o dilema do ovo e da galinha – o que veio primeiro: o ovo ou a galinha? Eu não sei dizer. Eu acho que essa interdependência é algo que me interessa desde meus estudos – eu escrevi minha tese de doutorado sobre esse tópico. E é muito difícil colocar esse conceito em uma única palavra, porque ele está se movendo, você não pode compreendê-lo, não pode obtê-lo. E, por essa razão, é bastante relacionado ao tempo: você não pode compreendê-lo, tampouco pode obtê-lo ou tocá-lo. Claro, em minha percepção, quando percebo a situação aqui-agora, o tempo passa. Não é por isso que eu percebo que o tempo passa, porque isso significaria que aqui estou sentado, então o tempo passa, como qualquer outra pessoa ou algo assim. Quando você diz frases como essa, você me separou do tempo, e é preciso ser honesto: isso é impossível. Não é possível. Então, é muito difícil encontrar uma linguagem apropriada para realizá-la, para elaborá-la e descrevê-la. Então, a melhor maneira de entender é pensar na interdependência e, claro, agora estou vivendo, estou falando com você aqui,

respondendo suas perguntas, o que significa que eu vivo – viver significa que o tempo passa. Ou melhor, o tempo flui e flui através de mim e eu vivo através do tempo, logo, você não pode realmente separá-lo. Normalmente – e este é o ponto em que as Ciências são tão bem-sucedidas – normalmente, quando se pensa intelectualmente em alguns tópicos, você tem que separá-los um do outro. E isso é possível, claro, isso é análise: separar as coisas umas das outras. A ciência que é extremamente bem-sucedida em análise é a química. Isso é parte da química, “aquilo” [apontando com o dedo]. Nós juntamos em filosofia, sob o aspecto de que essas coisas analisadas, que essas coisas são separadas... sob esses aspectos, você sempre tem de considerar que elas pertencem juntas. Portanto, não há análise sem síntese. Em química, a síntese é um produto material; na filosofia, não. Na filosofia, a síntese é o fenômeno. E é muito difícil, apenas no pensamento, manter as coisas mentalmente separadas e você sabe, no mesmo momento, que não pode manter essas coisas separadas. Elas nem são coisas, e essa é a dificuldade. Eu acho que não é possível responder a essa pergunta. Porque essa questão tem uma proposição, uma premissa que trata o tempo como uma coisa ou algo assim, e isso é impossível.

B) É essa a razão pela qual, na filosofia, geralmente chamamos tempo de 'fenômeno'? É esse o motivo? Fenômeno vem desse pensamento de o tempo ser indivisível?

M) Ok, sim, OK. Você quer dizer em fenomenologia? Porque o tempo sempre foi um tópico, como você disse antes, mas foi extremamente desenvolvido e levado ao pensamento fenomenológico: Rousseau, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre. Talvez porque fenômeno não é uma coisa. Fenômeno é algo que se mostra de si mesmo, “Es Zeigt sich von sich selbst”; isso não tem nada a ver com a velha ideia cartesiana de sujeito-objeto, essa divisão. Quando você falou fenômeno, eu disse em alemão “Es zeigt sich”, ele se mostra “Es zeigt sich von sich selbst”, mas para quem ele mostra? Zeigen significa mostrar para alguém. Então, você está sempre ligado a um fenômeno ou, em termos cartesianos, você sempre faz parte disso. Claro, você não faz parte, mas sabe o que quero dizer?

B) Sim.

M) Então não pode ser dividido... é uma espécie de unidade.

B) Então, o tempo como fenômeno é uma ideia moderna?

M) Sim. Eu acho que não é uma ideia moderna, acho que eles tentaram interpretar os velhos conceitos do tempo. Esta frase muito famosa de Santo Agostinho: “Oh! O que é o tempo? Se você me perguntar, eu não posso te dizer; se você não me perguntar, eu sei!”. Este é o problema: ele não foi capaz de descrevê-lo. Claro, ele fez algumas interpretações, Santo Agostinho fez algumas interpretações sobre Deus, mas isso não é suficiente, obviamente. Mas essa frase é acertadamente famosa, porque descreve como o fenômeno funciona. E acho que foi Heidegger quem viu isso primeiro. E tentou mostrar isso.

B) Em *Ser e Tempo*.

M) Sim, em *Ser e Tempo*.

B) Então, vamos continuar um pouco mais. O presente é um mistério, pelo menos para mim, não está claro. Faz parte do Tempo, mas não é um movimento como passado e futuro, como definido por Aristóteles. Talvez seja o próprio repouso ou poderia ser um momento em suspensão. Pode ser a parte do tempo que revela a memória e o passado repetidamente e, ao mesmo tempo, supervisiona o futuro em forma de intenção – como Bergson escreveu em *Matter and Memory*. Qual é o presente para você? Que tipo de presente vivemos hoje em privado e em público? Você já me respondeu com o presente estendido, mas talvez você gostaria de dizer algo mais.

M) Acho que presente estendido é como funciona, mas não é, é uma descrição feita por uma socióloga, que acho que descreve muito bem a sociedade. Eu acho que devemos trabalhar nisso para que isso possa mudar, porque esse presente estendido causa estresse para as pessoas e porque se faz uso extensivo de calendários e divide-se o tempo para que se possa cumprir todas as tarefas e tal. Conheço pessoas que têm calendários preenchidos até algum momento no próximo ano. E o que é um calendário? Quando você escreve novas datas, ou algo assim, você divide, cria partes fora do tempo, cria partes do futuro que você leva para o seu presente, então, você estendeu seu presente, mas, por outro lado, divide-o na esperança de que você possa cumprir com sucesso essa tarefa, seja lá o que isso signifique. E eu acho que isso é cada vez mais esse problema que Helga Nowotny descreveu. O que é tempo para mim? Oh, não o tempo, mas o presente. O presente para

mim? Acho que eu responderia com essa citação que imprimir, que Heidegger escreveu em *The Basic Problems of Phenomenology*... é uma palestra que ele realizou em 1927 e foi uma palestra após a publicação de *Ser e Tempo*, e eu gosto muito porque foi escrito metaforicamente. Ele diz que o tempo tem dois braços: um braço que está no futuro, que ainda não é; o outro no passado, que não é mais. E isso muda todo o tempo. Eu gosto muito dessa metáfora, porque é uma metáfora que lida com a humanidade, com o ser humano, com o corpo do ser humano... e acho que isso é o presente – é o meu corpo, meu corpo vivo, fazendo o que quer que seja. E, neste momento, eu tenho que fazer uma pausa e dizer que não é o meu corpo que faz algo comigo; eu sou meu corpo, então eu faço, bem, e eu não faço, ao usar meu corpo, porque isso seria assim: eu uso este copo agora [coloca o copo na mesa]. Está interligado, e o presente pode ser o ponto quando ou onde, você tem que decidir, o ponto quando ou onde o futuro toca o passado. E esse é um discurso metafórico também. Eu acho que é claro. Então, acho que pode ser mostrado que não é possível defini-lo exatamente. Porque há outra questão sobre definir: você fala português, uma língua latina, sabe o que *Finis* significa, *finis*, a fronteira. Não é possível estabelecer a fronteira para o futuro ou para o passado, nem mesmo para o presente. Então, é impossível defini-lo. Os cientistas tentaram defini-lo, mas falharam, não podem fazê-lo. Toda vez que eles tentam é um dilema. Você conhece um famoso fragmento de Zeno, um filósofo pré-socrático, Zeno de Elea, ele era um estudante de Parmênides.

B) Não conheço.

M) Ele escreveu muitos paradoxos do tempo, do movimento e paradoxos do espaço também. E há um paradoxo muito famoso: “Aquiles e a tartaruga”. Aquiles era o corredor mais rápido da Grécia antiga, e a tartaruga era o animal mais lento já conhecido naquela época. Então, há uma competição “Wettbewerb”, uma competição entre Aquiles e a tartaruga. E Aquiles sabe: Ok, ela (a tartaruga) perderia: “Aqui está o meu ponto de partida, e ela pode começar 10 metros antes de mim, na minha frente, ok?, no mesmo momento”. E então o dilema é o seguinte, o paradoxo é assim: no momento em que começam, o tempo que leva para Aquiles passar um metro, a tartaruga passou de 10 centímetros. O tempo que leva para Aquiles passar o próximo metro, são outros 10 centímetros e assim por diante... até o infinito. E nesse conceito, nem mesmo no infinito, Aquiles alcançaria a tartaruga. Mas todos nós sabemos que isso não é verdade. Rapidamente, ele a teria ultrapassado. Então, qual é o objetivo? Se você dividir em partes,

matematicamente, você acaba no infinito, e a distância fica cada vez menor, e cada vez mais estreita... mas nunca, nunca é a mesma, nunca é. Mas todos nós sabemos que ele vai alcançá-la, deve haver um ponto, um momento, em que ele se afasta dela, direto, e ela segue andando para lá. [B. ri]. Então, a divisão é o problema – você não pode dividir uma coisa que é indivisível, não é possível. E é isso que Zeno quis dizer com esse paradoxo. Então, de jeito nenhum! Definições: você nem deveria pensar nisso! [ambos riem]

B) A eternidade e o infinito são termos que tentam explicar coisas que nunca terminam. Eternidade, eu suponho que poderia ser uma potência do tempo; infinito, uma transcrição dessa ideia para o espaço. Como você entende esses dois termos? Em que esfera você acha que o tempo e o espaço se encontram?

M) Sim, eu acho que essa esfera é a nossa vida... é a vida, é a vida humana. Não é um movimento na física que pode ser descrito e, portanto, é a vida; assim como eu disse antes, infinito, sem fronteira, então eles estão ligados entre si. Não sei como dizer em inglês; em alemão, chama-se *Urknall*, o começo do mundo, um big bang, o Big Bang. Eu sempre tenho que rir quando ouço uma transmissão no rádio ou algo parecido sobre o Big Bang, porque os físicos, eles nem sequer entendem que um big bang não pode ser possível. Porque, no momento em que você define o momento em que tudo começou, deve ter havido algo antes. De sua própria ideia, não há nada, porque o big bang começou tudo. Logo, você não pode falar assim. Talvez tenha havido uma grande explosão ou algo assim... sim, uau, é uma ideia fantástica, eu gosto disso, mas é ridículo, científica e filosoficamente ridículo, porque não resolve nenhum problema. Então, eu acho que este é o ponto onde a física falha – eles não podem descrever, nem mesmo Einstein, eles não podem descrever o *continuum* que é captado entre o tempo e o espaço. Você não pode analisá-lo em termos de ciências, analisar e separar... não é possível. Então [ele expira]... em qual esfera você acha que tempo e espaço se encontram? Quando você diz conhecer um ao outro, então, encontramos-nos aqui, então, é você e sou eu: dois indivíduos diferentes. Tempo e espaço não são dois indivíduos diferentes; eles são, desde o início, ligados entre si. Não é a mesma coisa, não sei, não diria “a mesma coisa”. Eu gostaria de dizer que eles estão ligados a todas essas interdependências.

B) Você acredita na possibilidade da existência de mais de um tempo ou o tempo é único? O tempo... o tempo que costumamos tomar como referência para nossa vida, o tempo

relacionado ao movimento dos planetas, é o mesmo tempo que experimentamos em nossos corpos? (Körper/Leib)

M) A primeira pergunta, sim; a segunda pergunta, não. Sim, há mais de um tempo, mas você precisa de uma outra vida além do “eu”... você tem uma filha, logo, isso é uma grande influência em seu tempo, tempo que você precisa para sua vida, para ir para a universidade. Quando Ana quer comer, agora, você tem de dar algo para ela comer, e você não pode sair para comprar algo, então, isso influencia o seu tempo, porque Ana tem outro tempo, você tem outro tempo, e eu também. Então, eu acho... quantas pessoas somos no mundo? 8 bilhões ou algo assim... cada indivíduo tem outro tempo. Mas precisamos de uma referência, então, precisamos, pelo menos, de uma ideia do que pode ser o tempo, para que possamos, [B: Compreender] [M: Sim], para que possamos conversar um com o outro sobre isso, para que saibamos que nós falamos sobre a mesma coisa. E isso é um tipo de orientação de que precisamos, queremos orientação em nossas vidas, e essa orientação está sempre ligada ou relacionada a um sentimento “spüren”: sentir... não sentir no sentido de tocar [B. concorda]. É uma espécie de sentimento. É muito interessante. Há um texto muito pequeno de Immanuel Kant, *He het: Sich im Denken orientieren*, traduzido como: *O que significa orientar-se no pensamento*. E este é um texto muito interessante porque Kant, como você sabe, é um racionalista puro e ele tenta explicar esse fenômeno de orientação e ele tentou mostrar isso a partir da vida cotidiana e ele diz que “orientação lida com: eu quero saber onde estou” e nos orientamos pelo sol. O sol surge no Leste, Oriente, vai para o Oeste, Ocidente... a orientação vem do Leste, do Oriente, da palavra para Leste. E, quando sabemos onde o sol nasce e o sol se põe, temos uma linha, podemos fazer um quadrado para que possamos chegar ao Norte e ao Sul e agora podemos nos orientar. E Kant diz, seu argumento é: quando estamos fazendo isso, temos uma sensação de espaço. Um sentimento... esse filósofo racionalista de repente surge com “sentir”, que não é necessariamente uma tarefa da filosofia, pensar sobre o sentimento. Isso é interessante. E como o espaço está ligado ao tempo, neste exemplo, leva tempo, um dia, para que o sol nasça e se ponha. E você entende, isso nos ajuda a obter orientação no lugar e no espaço. Então, isso é uma prova de que está interligado. E você não pode dividi-lo exatamente, é um sentimento. E quando você tenta comunicar esse sentimento, por exemplo, para dizer “ok, nós temos de ir caçar, logo, vamos para o Sul, porque eu vi o animal lá” “Sério, no Sul? Por que você disse Sul?” “Porque o filho me disse que...” e então você explica para a outra pessoa. Portanto, dessa

vez, é a referência que você tem para o seu tempo e para a explicação do seu tempo para o outro: que é bom ir lá quando é meio-dia, porque lá você pode encontrar os animais para caçar. Apenas um exemplo. Em que esfera você acha que o tempo e o espaço se encontram? É, mais uma vez, a nossa vida. O sentimento que temos pela nossa vida. E tem ainda o ponto: “Fehlt” um conceito de tempo que você precisa para definir nosso próprio tempo, esse Eingenzeit de que Helga Nowotny falou.

B) Você acha que talvez, digamos, nós poderíamos encontrar uma relação entre isso que você estava me contando agora e a ideia dos dois termos que temos em alemão Körper e Leib [M: Sim]... porque, para mim, foi tão interessante quando você me contou isso pela primeira vez, quando eu estava lá na Áustria com você e eu não tinha ideia de que isso poderia acontecer na linguagem, da divisão do seu corpo e do outro corpo e dessa divisão feita por termos diferentes. E quando comecei a pensar sobre isso, e sobre o tempo e tal, surgiu na minha cabeça essa possibilidade de diálogo entre “outro corpo” e “meu corpo”. Eu não sei se você já tem em alemão a diferença entre os tempos [M: Uhummm]. Este é o meu tempo (Leib) e este é outro tempo (Körper). [M: Sim]

M) Talvez sim. Talvez. Então, isso é uma espécie de tempo objetivo. Quando vejo o tempo que leva, por exemplo, os 90 minutos em um jogo de futebol, isso é objetivo, é desde o início, e termina em 90 minutos. Claro, isso afeta meu tempo também. Mas vamos supor que é uma boa partida... eu me perco nessa experiência, e o tempo passa muito rápido, ou é chata, e dura muito tempo. Mas o tempo, em todos os momentos, é outra coisa, mesmo quando faz parte do meu tempo, é outra coisa. Mas eu acho que você queria perguntar sobre algo diferente entre Tempo e Tempo.

B) Ah, sim, está aqui. [B. ri] Sabemos que algumas línguas latinas usam a mesma palavra TEMPO para WEATHER e TIME. É a mesma palavra que se refere ao tempo medido pelo relógio e o tempo medido pelo barômetro. Coloca o tempo que experimentamos em nossos corpos em relação ao tempo da natureza. Por que você acha que isso acontece?

M) Isso é extremamente interessante.

B) É mesmo?

M) Sim! Eu pensei nisso ontem, e isso é extremamente interessante. E “tempo”, acho que isso é uma coisa que eu quis dizer antes, que o tempo, bem, isso é algo acontecendo lá fora. Não importa se é bom tempo ou não, ou se é quente ou frio, ou algo assim, não, não. Está lá fora, está fora de mim e isso é tempo. E isso afeta meu tempo. Coisa interessante: na Itália, em italiano, uma tempestade é chamada temporal. [B. concorda] Em português também. E, em italiano, isso significa “que passa”. [ambos riem] Sim, temporal é só para este momento, então é só por este momento: isso significa que também é uma divisão. Existem variados tempos, e você os divide. E você divide isso, mas você não divide seu próprio tempo, mas às vezes você se torna dependente disso, porque pensa “eu deveria pegar meu guarda-chuva ou não?”. Mas é uma coisa muito boa, há um elo entre esse Tempo para weather e time [Risos], medido pelo relógio e medido pelo barômetro. Você escreveu “medido”... dividido. Tudo que você mede, quando você mede qualquer coisa, qualquer coisa, você divide. E o tempo não pode ser dividido, o próprio tempo, sabe? [B. concorda] E por que o tempo humano, o tempo do meu corpo, meu Leib, por que isso não pode ser dividido? Isso tem uma razão muito simples: você sabe quando nasceu, mesmo quando não tem nenhuma lembrança disso, você sabe disso porque seus pais te dizem, você tem um documento dizendo isso e, então, você sabe o começo da sua vida, mas você não sabe o fim. Se você conhecer o fim, então é possível dividir. Se você não sabe, na verdade, não é possível. Até pessoas que cometem suicídio. Eles não sabem disso, talvez eles planejem, mas esse plano é a primeira divisão, e isso está se desenvolvendo, isso não é de repente. A divisão é algo repentino: eu rasgo aqui. Eu não posso dizer “ok, agora, então, eu rasgo, agora, então, eu rasgo” [cantarolando como se fosse música], essa é uma divisão, você decidiu. E se alguém quer cometer suicídio, ele ou ela pensa muito tempo sobre isso, e eles, nem mesmo aqueles que sobreviveram felizmente, eles não podem nem mesmo apontar quando o plano começou, mesmo assim. E essa é a razão pela qual a pena de morte é um escândalo. Porque há outras pessoas... claro, há um crime e então e eu não desculpo os crimes... há outras pessoas que dizem “ok agora eu sou o chefe do seu tempo e eu digo quando e quando”. E as coisas mais feias que surgem com a pena de morte, em minha opinião, não são a morte da pessoa. É que as pessoas que decidiram que o criminoso vai morrer deixam que ele espere. Eles não dizem a data. E muitas vezes acontece que, quando eles definem a data, eles atrasam, e de novo, e de novo. E é a razão pela qual eles costumam esperar por cerca de 20 ou 30 anos. E isso é desumano. A divisão da vida é desumana. Não pode ser dividido.

B) Vamos tentar continuar. Há algo aqui. O tempo é um tópico relevante para muitos campos diferentes. Eu diria que a maioria das disciplinas tem um braço que estuda o Tempo; portanto, este é um objeto de estudo que sofre constante transformação. Quais abordagens ou teorias você considera mais populares, se considerarmos a compreensão das pessoas do fenômeno do tempo aplicado em suas vidas diárias? Vamos nos concentrar na comunidade ocidental... mas, ainda assim, você nos disse que as pessoas precisam de uma referência, e o que você acha que é uma teoria comum para o tempo aplicado?

M) Eu não sei. Existem muitas teorias sobre isso, coisas interessantes; a maioria delas foi realizada por sociólogos. A maioria das teorias critica que nossas vidas se tornaram cada vez mais rápidas. E sim, acho que isso é verdade, também vejo que isso é um problema, mas não precisamos fazer isto: viver tão rápido. Eu sei que há possibilidades crescentes de projetar nossas próprias vidas para que tudo seja feito facilmente, e a maioria dessas coisas funciona com velocidades muito altas, elas trabalham com velocidades muito altas. Por exemplo, lembro-me de anos atrás, quando discutia com amigos alguns tópicos, não importando quais tópicos, essas discussões duravam muito tempo, porque não conseguíamos lembrar exatamente tudo que precisávamos para nossa discussão, para chegar a um resultado ou algo assim. Hoje em dia, as discussões terminam muito rápido porque as pessoas têm seus iPhones, logo, eles pesquisam no Google e na Wikipédia e, então, eles têm o fato, e, com base nesse fato, você pode discutir e resolver o problema. E essa maneira de solucionar problemas que vem com velocidade muito alta... isso é um problema em minha opinião, porque, para reflexão, precisamos de tempo, sempre. Filosofar ou refletir é algo que deve ser feito lentamente; a arte também, a propósito.

B) Amor também.

M) Sim, claro.

B) Há algo em português que minha avó costumava dizer “Amor precisa fazer Morada”. Amor e Morada, Morada significa ficar mais em casa, significa saber mais, ficar mais para dar mais tempo ao amor que precisa dele, e ela também me dizia, às vezes, que, para conhecer uma pessoa, você precisa comer mais de um quilo de sal com ela, com essa pessoa. Esta é também uma ideia de tempo.

M) Sim, é verdade mesmo.

B) Você nunca sabe quando você terminou com o quilo.

M) Isso é legal. Talvez mais tarde você possa escrever a frase para mim. A da sua avó. Então, essa sociedade de alta velocidade, isso é um problema, e há muitas teorias para descrevê-lo, mas não consigo me lembrar de ter encontrado alguém que conhecesse a saída. Provavelmente, não há saída, e acho que talvez não exista uma saída, porque mesmo essa vida de alta velocidade que levamos na sociedade lida com um fenômeno básico do tempo: a indivisibilidade, você não pode dividi-lo, sabe? É um pouco sufocante. Há um diretor de cinema americano que eu odeio; seu nome é Michael Bay. Ele é quem faz esses filmes, essas séries de TV... *CSI*, e ele fez *Pearl Harbor* e filmes de catástrofes e tal... e ele é muito conhecido por isso: seu corte é tão rápido; não há tomadas de longa duração, ele não tem nada de longa duração. [B. ri e diz: comparado aos filmes de Tarkovski...] É dividido, às vezes, de uma maneira subliminar, e é muito... “The Rock”, Nicolas Cage, Sean Connery e etc. Então, é do Michael Bay. E isso não é porque a instrução no roteiro pedia essa divisão rápida da trama; é pra sobrecarregar o espectador. Por um lado, funciona realmente bem, tenho que admitir. Ele funciona mesmo, mas faz um estresse extremo. E as pessoas que assistem aos filmes do Michael Bay detestam-nos depois de vê-los. E eles têm esse estresse que eles experimentam; eles foram enganados com suspense. Eles pensaram que era um suspense que os faria se sentirem desconfortáveis, mas isso não é verdade. [B: É a edição] Sim, essa edição! Você conhece a famosa cena do chuveiro em *Psicose* de Hitchcock? [B: Sim] Muito, muito famosa, extremamente curta, e acho que tem 68 cortes. Para o final dos anos 50 ou início dos anos 60, foi extremamente rápida, as pessoas nunca tinham visto isso antes. Foi extremamente rápida, mas o próprio Hitchcock disse: “Isso não é suspense”. O filme inteiro e as outras partes com as tomadas longas e tal... isso é o que ele chama de suspense, com uma montagem muito elegante e assim por diante. Ele queria; ele disse que só queria chocar as pessoas. E esse princípio de choque, esse princípio extremo de choque rápido, é o que Michael Bay pegou, e esse é o único conceito estético que ele usa em seus filmes, e isso é chato. Faz parte do nosso tempo hoje em dia, as pessoas procuram por isso no cinema, também é usado em jogos de computador e tal. E isso provoca estresse. E isso é algo na condição psíquica dos homens, mas não é algo que deva ser levado a sério como uma Estética atualizada ou algo assim, porque o tempo é tão maltratado. Eu tenho percebido

nos últimos anos, quando leio jornais, que há algum tipo de *hype* agora com as pessoas que amam filmes lentos... [B. ri] sim, eles amam filmes lentos. Poucos dias atrás eu li... em Viena, agora há Viennale, um festival de cinema... foi mostrado um filme das Filipinas, eu esqueci o nome do diretor, mas é o filme mais curto que ele já fez, 4 horas; o seu mais longo é de cerca de 18 horas ou mais. E esse é o filme mais curto. Ele contém apenas tomadas longas, muito longas. E todo mundo e os críticos e tal disseram: “Oh, isso é legal, é um filme lento”. Então, eu acho que isso muda um pouco, mas isso é o que eu posso perceber na arte agora, em filosofia ou sociologia, não há nada de interessante no momento. Paul Virilio, você o conhece, Paul Virilio, ele era um Profeta da alta velocidade e tal, e hoje em dia é meio antiquado o que ele estava dizendo, e cada vez mais as pessoas reconhecem “ok, isso é um pouco, um pouco superficial, o que ele havia dito”. Você sabe que ele era um arquiteto, ele não era um filósofo. Em italiano eles dizem Dilettanti, um dilettanti de Filosofia. E eu li seus livros e eu gostei, mas, depois que eu li, eu esqueci de tudo, porque não era consistente. Acho que se deve aderir às velhas ideias, de nomes como Platão, Santo Agostinho, e especialmente Heidegger. Talvez Bergson também, acho que com o livro dele que mencionamos. Acho que eles são os principais pontos de partida de onde se pode desenvolver mais. Mas as pessoas pararam de fazer isso, não sei por quê.

B) A pergunta sobre as obras de Heidegger está relacionada ao seu legado, que é incontestável, e é claro que ele foi o grande filósofo que pensava no tempo, colocando esse tempo e o ser juntos, o que é realmente surpreendente. E é claro que conhecemos o *Ser e Tempo*, *Sein und Zeit*, o livro que é o mais famoso. Apareceu algum tempo atrás os Black Notebooks, o que é um pouco complicado – sei que você conhece os livros –, mostram um pouco dele, a relação com antissemitismo, suas ideias e suas ideias filosóficas. E a questão é: como os novos filósofos podem abordar suas teorias e deixar essa parte de lado?

M) Sim, isso é um problema; em minha opinião, você pode fazer isso [B: Você não pode?] Você pode, eu posso fazer, acho que posso fazer isso. O problema é que, para nós, você sabe, eu escrevi uma resenha sobre Black Notebooks. Em minha opinião, esses cadernos pretos devem ser descartados. Eu tenho uma razão especial para isso, porque as pessoas dizem... e muitas vezes isso foi revisado... as pessoas dizem que esse é o verdadeiro Heidegger por causa de seus cadernos, assim como você escreve um caderno, e isso é

autêntico. Tenho de dizer não; não de fato. Pois o editor escreveu em seu epílogo no primeiro volume que não há falhas em sua caligrafia, não há falhas. Então, ele escreveu isso do começo até o fim, e tem a estrutura de um diário. Ninguém escreve um diário assim. Eu tenho cadernos para mim... eu não escrevo cadernos assim. E o editor também diz que trabalhos preliminares não estão presentes, que são apenas esses notebooks. Então ele escreveu, eu acho que ele juntou todas as suas anotações, que ele reuniu toda a sua vida, e depois da Segunda Guerra Mundial ele não teve permissão para ensinar, então ele teve tempo e, nesse tempo, ele escreveu isso muito bem em seu caderno, e as pessoas pensam que isso é autêntico; não é, em minha opinião. Então, isso é inútil em minha opinião. Claro, existem algumas ideias filosóficas interessantes, interessantes para que assim você possa ver “aqui pode ser o desenvolvimento de seu conceito de ser humano, ou estética” ou algo assim, mas o problema é que você não sabe: isso é verdadeiro? Quando está escrito, por exemplo, “December 41”, isso está certo? Ele realmente escreveu isso em dezembro de 1941? Então, minha opinião é, com esses cadernos, ele tentou projetar sua vida para o Legado. Então, não deve ser verdade que ele tenha realmente escrito algumas partes em dado momento, e talvez não em outro, e isso é um problema. A segunda coisa com relação a esse antissemitismo é que existem algumas passagens que contêm expressões e pensamentos antissemitas e tal, mas isso não é novo em minha opinião, todos sabiam disso. Então, eu não sei por que as pessoas estão tão alvoroçadas com isso. Para mim, isso não era novidade. E a terceira coisa é o problema da discussão... há dois lados. Até onde posso ver, vejo que há dois lados. O primeiro é o dos epígonos... pessoas, pessoas idosas que o conheceram pessoalmente, pessoas do editor Vittorio Klostermann, em Frankfurt, que publicaram *Gesamtausgabe*... a maioria dessas pessoas pertence de certo modo à família de Martin Heidegger. E os fãs, os fãs do Heidegger. E é muito fácil reconhecer os fãs de Heidegger, porque ele ou ela está falando como Heidegger escreveu. Heideggeanismo, escrever como Heidegger. E é muito desconfortável falar com eles; nenhuma crítica é permitida, na verdade, é como se o papa rejeitasse críticas ao catolicismo. Isso é horrível, você não pode discutir com essas pessoas. E, por outro lado, existem pessoas que são extremamente contra, a maioria delas é de esquerda ou de extrema esquerda, e elas são extremamente contra Heidegger por causa de seu envolvimento na área nazista, e tentam rotular sua filosofia de estúpida. E, se não for estúpida, abrevia-se assim agora: se essa filosofia não é estúpida, as pessoas que querem pensar sobre essa filosofia são estúpidas. E não há tantas pessoas que formam a terceira parte, bem, assim como eu, meu amigo Reinhold Esterbauer, Günther Pöltner e

todas as pessoas que dizem: ok, isso é horrível, o que ele disse, e ele não mudou até o fim de sua vida, ele não pediu desculpas a Paul Celan, por exemplo, que era judeu. Um judeu e um amigo de Heidegger, e Heidegger não pediu desculpas. Claro, isso é um problema, mas acho que você pode dividir isso. Ele mesmo tentou inserir algumas das ideias nazistas em sua própria e estranha terminologia. Mas estas são as partes mais fracas de seus escritos. Muito fracas. As partes mais importantes que penso são até 1935-37, *Der Ursprung des Kunstwerkes*, *A origem da obra de arte*. Até esse momento. E tudo depois é muito estranho e tal. É um pouco difícil, vou dizer isso na minha conferência de amanhã, é um pouco difícil lidar com Heidegger, mesmo para as pessoas de língua alemã, por duas razões: primeiro, quem viu em filosofia itens e tópicos, o lado completamente oposto como a tradição, e ele usou palavras incomuns. A graça disso é que a maioria dessas palavras incomuns é de origem alemã: Geworfenheit, In-der-Welt-sein, etc. Vale a pena pensar sobre isso e conectá-lo e relacioná-lo com a tradição, e, para mim, isso é o mais importante, relacioná-lo com seus próprios pensamentos para o futuro. E, quanto ao Ser e Tempo, estes, mesmo em sua filosofia posterior, eram os dois tópicos... você pode dizer que Heidegger não é nada além de ser, e nada mais que tempo: esse era seu principal interesse. E acho que não foi suficientemente explorado o que ele pensou. As pessoas realmente não pensaram nisso e tal. Infelizmente, a maioria dos que tentou fazer isso, eles tentaram ser um “pequeno Heidegger” ao usar sua linguagem. E isso é um problema, porque esses livros não são compreensíveis, você não pode compreendê-lo, então eu, Reinhold e Günther Pöltner, todos tentamos lidar com Heidegger, tentamos usar uma linguagem que pode ser mais bem compreendida, e não somos epígonos. Embora gostemos de alguns de seus pensamentos, todos nós estamos criticando seu envolvimento nazista. Então, acho que houve uma espécie de histeria sobre os Black Notebooks, sobre os cadernos pretos, e agora acabou. Então, eu não sei o termo em inglês para isso, em alemão, dizemos “Sturm im Wasserglass” [B. ri]

B) Nós temos isso em Português. “Tempestade em copo d’água”.

M) “Sturm im Wasserglass” – então, bem, não faz parte do meu mundo.

B) Quais são os maiores desafios de quem se propõe a estudar o tempo através da arte? Você acha que a arte pode modificar e ampliar os conceitos filosóficos sobre o tempo? A

filosofia está ganhando com essa parceria interdisciplinar? Qual é a principal responsabilidade no campo da arte enquanto se estuda o Tempo?

M) Sim, acho que a arte pode modificar e ampliar os conceitos filosóficos, eu creio que sim. Você terá que treinar uma visão muito boa e adequada sobre as obras de arte, você nunca, nunca terá uma ideia do que a arte significa, daquilo que o tempo significa, se você não tiver uma visão adequada e um vislumbre adequado da obra de arte. Porque essa é a manifestação da arte e do tempo. É isso que tentarei assinalar amanhã em minha conferência, e acho que, para mim, posso ver a resposta, o tópico é a pergunta, e minha resposta a essa pergunta é “sim”. E, claro, que uma obra de arte é um item de filosofia, porque a arte sempre lida com o tempo. Essa é a razão, e você pode pontuar, quando você tem uma visão exata das obras e quando você as deixa falar com você. E é isso que eu vou tentar... isso é impossível de responder agora porque eu preciso de um exemplo, então eu quero mostrar isso amanhã. E posso dizer que é a primeira vez que faço isso com três tipos de arte. Até agora eu sempre usei pinturas, ou fotografias e tal. E, desta vez, eu tenho um poema, e, desta vez, eu tenho uma música, uma peça musical... então você tem música, você tem arte e você tem literatura. Pode ser mostrado em tudo. Você deve tentar, sabe, é muito fácil. Espero que seus colegas vejam também que isso pode ser muito fácil. No momento em que você deixa esta obra de arte falar através de você, nesse momento, ela é interdisciplinar porque ela fala através de você como um artista, através de mim como filósofo, através de outras pessoas que são técnicas ou algo assim, e eu não quero dizer isso como profissão, quero dizer isso como interesse. Todo mundo tem outro interesse quando olha para uma imagem ou algo assim. E isso é interdisciplinar. A principal responsabilidade é treinar isso de maneira precisa e focar na nossa experiência. É isso que quero apresentar amanhã.

B) Se você pudesse descrever uma percepção do tempo agora, o que é tempo para você neste momento?

M) Neste momento... acho que, para mim, neste momento, é como é em todos os momentos. Eu preparei uma resposta. O que é tempo para mim? É a minha vida, o tempo é a minha vida, mas não só isso, como um sujeito ou egoísta, ou algo assim, é a minha vida embutida em tudo. E isso é algo que tem a ver com amor. [Pausa] Você se lembra de Jürgen Grünwald? [B: Claro] Então, ele é um amigo agora e, um dia, ele disse... nós

conversávamos sobre ensinar e os outros professores e tal... e ele disse que ele realmente gostou das minhas aulas e eu tinha tido tanta influência nele e tal, e eu disse a ele “bem, eu tento o meu melhor e uso meu tempo para explicar”, e isso é o mais importante se alguém não entende alguma coisa, é minha tarefa como professor universitário usar o meu tempo... então, esta é a incorporação: eu aproveito o meu tempo embutido nisso para explicar, então isso é tempo pra mim. E ele disse – eu tenho que dizer isso em alemão – Ja, ja, ich weiß eh: du bist ein grosser Liebender.

B) Obrigada por compartilhar, Martin.

M) Sim!

B) Obrigada.

M) Eu encontrei o inventor do barômetro: Torricelli.

B) Ah, Torricelli!

M) Torricelli, eu pesquisei!

B) É mesmo?! [rindo]

M) Obrigado pelo convite.

B) Muito obrigada por ter vindo.

M) Gostei, gostei mesmo.

B) É um grande prazer pra mim.

ⁱ Artista plástica desde 2004, também trabalha como professora de arte e pesquisadora. Em 2019 assumiu o cargo de professora substituta no departamento de Fotografia, Teatro e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG. É Doutora em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra com financiamento da CAPES, (2015 - 2019). Recebeu prêmio pela obra Arquivo Zero na Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira, Portugal, 2017. Desde 2013 é pesquisadora junto ao CNPq do Linha: Grupo de Pesquisa sobre o Desenho e Palavra, sendo o seu tópico principal as relações entre imagem, memória e tempo, a arte da memória e do esquecimento e a fotografia neste contexto. Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005 - 2009) com habilitação em escultura e formação complementar em fotografia, é mestre em artes pela Kunstuniversität Linz na Áustria (2012 - 2014) com ênfase em fotografia e estudou concomitantemente na Karl Franzens Universität em Graz, Áustria no departamento de Filosofia. Participou também de eventos e cursos ofertados pela Internationale Sommerakademie für Bildende Kunst Salzburg, Austria (2012). <http://www.brunamibielli.com>